Opinião Socialista

Ano XI - Edição 322 - Colaboração: R$ 2 - De 22 a 28/11/2007 - www.pstu.org.br

Trabalhadores e estudantes na mira do governo

Lutar contra as reformas da Previdência, sindical, universitária e trabalhista

ATOS MARCAM O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Página 4

QUEM VAI SE BENEFICIAR COM MEGA-RESERVA DE PETRÓLEO?

Página 5

CORREIO INTERNACIONAL: OS 90 ANOS DA REVOLUÇÃO RUSSA

Páginas 12, 13, 14 e 15

POLÊMICA – Um concurso da PM da Bahia tem causado polêmica. Em seu edital, se proíbe a participação de pessoas albinas, portadoras do vírus da Aids e hepatite.

PÁGINA DOIS

IMPUNIDADE – Há 3 anos, 16 pistoleiros invadiram o acampamento do MST no município de Felisburgo (MG). Cinco trabalhadores foram mortos. Até hoje ninguém foi punido.

É PAU

Marcus Jardim, comandante do 16° batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro fez questão de expressar a doutrina da corporação deste ano: "este ano será marcado pro três pés: PAN, PAC e pau", disse.

PÉROLA

CPMF é coisa de rico, que não deveria reclamar do que paga

LULA, dizendo que a CMPF atinge os ricos do país. Não presidente, os ricos, na verdade, sonegam imposto.

CHARGE / AMÂNCIO

GLOBO X ESTUDANTES

Estudantes entoando gritos de guerra ocupam a reitoria da Universidade Pessoa de Moraes, exigindo a eleição direta para reitor. Um novo protesto estudantil? Nada disso. Trata-se de um capítulo da novela "Duas Caras", exibida pela rede Globo. Obviamente, a emissora mostrou a "invasão" – e não ocupação – a partir do seu ponto de vista, com um claro objetivo de jogar a opinião pública contra as OCUPAÇÕES de reitorias, além de fazer uma explícita defesa do ensino privado. No dito capítulo, os estudantes destroem livros, picham as paredes, fazem uma verdadeira baderna. Não é a primeira vez que a Globo cumpre esse nefasto papel. Deturpação da realidade é com eles mesmos.

NA CONLUTAS

O Sindicato dos Servidores Municipais de Maringá (Sismmar) aprovou em seu congresso a desfiliação da CUT e a filiação à Conlutas. Ambas as resoluções foram aprovadas por unanimidade. O Sismmar é um dos sindicatos mais combativos do estado do Paraná. Em 2006 enfrentou o prefeito Silvio Barros II (PP) em uma greve de 31 dias e sofreu duras perseguições por parte do prefeito com a demissão de 28 grevistas. Hoje todos os demitidos estão reintegrados ao trabalho. Mais uma vitória do sindicalismo classista e combativo!

VAZAMENTO

A descoberta do campo de Tupi valorizou do dia pra noite as ações da Petrobras. Quem saiu lucrando foram os acionistas privados da empresa. Antes de se tornar pública, a informação "vazou" para os investidores estrangeiros. No fim de agosto, um relatório do banco Credit Suisse a seus clientes informava sobre a potencialidade do campo de Tupi e recomendava o investimento nela. Segundo a análise do banco, as reservas chegariam a 10 bilhões de barris.

AL BAIAN

Saiu o primeiro número do jornal Al Baian (O Manifesto), editado em árabe e em português pela Liga Internacional de Luta Árabe. A equipe redatora é formada por imigrantes ou descendentes árabes e também por militantes da LIT-QI. Um dos objetivos do jornal é dar uma "intensa cobertura aos acontecimentos da luta de classes dos países árabes e das lutas contra o imperialismo e seu aliado, o Estado sionista de Israel. Na primeira edição são abordados, a partir de uma ótica operária, socialista e revolucionária, temas como a guerra no Iraque, a situação da Palestina, Líbano, as greves no Egito e perseguições de sindicalistas no Irã.

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1° andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282 Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)- CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1° and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629 *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2519 - (91) 3226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/n° (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1° andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)

PERNAMBUCO

RECIFE - Av.Monte Lazaro, 195- Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CURRAIS NOVOS - Rua Candido Mendes, 150, Centro

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ALVORADA - Rua Martin Lutero, 1370, Fundos - Vila Formosa - (51) 9284.8807
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br* *www.pstusp.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves n°6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - R. Coronel Domingos Ortiz, 423 - Centro *francodarocha@pstu.org.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 733 - Centro (11) 6441-0253 *guarulhos@pstu.org.br*
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186* *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

O EXEMPLO FRANCÊS

O que existe de comum entre Lula e Nicolas Sarkozy? Aparentemente nada. Lula veio da "esquerda" e Sarkozy da direita. As aparências, no entanto, enganam. Ambos são governos a serviço das grandes empresas, como os bancos e as multinacionais, e não dos trabalhadores. Não é por acaso que nos programas de ambos estejam as reformas neoliberais: esta é a política do Banco Mundial e da grande burguesia internacional.

Sarkozy está tentando aplicar o plano de reformas ainda no início de seu governo, quando ainda goza de popularidade. Tenta impor mudanças nas aposentadorias e nas universidades. Enfrenta mobilizações importantes do funcionalismo, que agora se unificam com as estudantis, em greves que sacodem toda a França.

Se o governo Lula está tentando impor as reformas de forma combinada, o movimento de massas pode e deve também se unificar para lutar contra elas. A manifestação do dia 24 de outubro em Brasília apontou este caminho na maior mobilização unificada contra as reformas. Os estudantes, com as ocupações das reitorias contra o Reuni, demonstraram os primeiros movimentos de um processo que pode levar a uma greve geral das universidades ano que vem. A Conlutas está convocando uma grande mobilização com paralisações para abril de 2008. Esse dia unificado de lutas foi aprovado na plenária conjunta entre Conlutas, Intersindical, Pastorais e demais organizações que impulsionaram o ato na capital federal.

As mobilizações na França mostraram que este é o caminho correto. O funcionalismo está se unindo com os estudantes em greves contra as reformas de Sarkozy. Os trabalhadores e estudantes brasileiros podem tomar este exemplo como preparação para as lutas do ano que vem.

Isso é ainda mais importante porque Lula tem uma vantagem em relação a Sarkozy. Este último já chegou ao governo identificado pelos setores mais avançados dos trabalhadores e estudantes franceses como um inimigo. Apesar de ter ganhado as eleições, Sarkozy assumiu o governo tendo contra si boa parte do movimento sindical e estudantil francês. Lula, ao contrário, chegou ao governo em meio a uma expectativa enorme dos trabalhadores de que sua vida fosse mudar. A experiência do primeiro mandato serviu para diminuir em muito essas expectativas, mas ainda não para que os trabalhadores entendam que Lula é um inimigo de seus interesses.

Esta é a primeira tarefa de todos os ativistas do movimento sindical, estudantil e popular no próximo período: ir para as bases explicar pacientemente o que está se passando. Explicar como Lula está preparando essas reformas e que devemos fazer aqui como na França. A preparação das lutas do próximo ano já começou. Entre o Brasil e a França existe muito mais que uma rivalidade futebolística, existe um exemplo a ser seguido.

OPINIÃO - *CAROL RODRIGUES,* *da Secretaria de Mulheres do PSTU*

Dia 25, dia de luta das mulheres contra a violência

No Brasil, a cada 15 segundos, uma mulher é agredida em seu lar por uma pessoa com quem mantém algum tipo de relação. De cada 10 mulheres agredidas, sete foram vítimas de seus companheiros.

Para muito além das estatísticas, a violência que as trabalhadoras enfrentam todos os dias em todas as esferas é silenciada ou escondida. Desde a escola, até os locais de trabalho, a mulher é obrigada a conviver com o assédio e a subestimação.

As lésbicas sofrem agressões com bastante freqüência, e muitas vezes não demonstram publicamente carinho com relação às namoradas por medo de sofrerem violência. Quando unimos a essa situação ao racismo, veremos que a exploração capitalista faz com que as mulheres negras sejam as mais pobres, as que trabalham mais horas, as que mais adoecem, as que possuem os piores trabalhos e as que recebem os menores salários.

LEI MARIA DA PENHA NÃO CORRIGE DISTORÇÕES

Às vésperas da eleição, Lula aprovou a Lei Maria da Penha , que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar. Porém, em 2006, os recursos para o Programa de Combate à Violência contra as Mulheres foram extremamente escassos. E em 2007, segundo o Projeto de Lei Orçamentária Anual encaminhado ao Congresso, o governo ainda reduziu em 42% os recursos previstos para ele.

Além disso, não podemos esquecer os ataques do governo com as reformas que provocam desemprego e o aumento da miséria e que afetam ainda mais as mulheres.

Essa lei não garante de fato a punição ao agressor, assim como não garante os serviços essenciais à mulher que sofre agressão, como casas abrigo, creches, assistência médica e psicológica, centros de referência com profissionais capacitados e estabilidade remunerada no emprego.

Para que as mulheres conquistem os recursos necessários, é necessário questionar o papel cumprido pelo governo, que em nome do pagamento das dívidas, cortou 42% do orçamento destinado aos programas de combate à violência contra a mulher. Do restante previsto para a aplicação em 2007, até agora, somente 4% foi investido.

Para lutar contra a opressão da mulher, é preciso que lutemos contra essa lógica de exploração. É preciso lutar contra o capitalismo, contra esses governos neoliberais, e contra seus braços armados dentro do movimento.

O dia 25 de novembro é o Dia Internacional de Luta contra a Violência sofrida pelas Mulheres. Este não é um dia de comemorações, mas de lutas pelo fim da violência, das desigualdades, das opressões e da exploração capitalista.

- POR CASAS ABRIGO, AMPLA ASSITÊNCIA ÀS MULHERES E PLENO EMPREGO A TODOS OS TRABALHADORES!

- PUNIÇÃO EXEMPLAR AOS AGRESSORES!

DIEGO CRUZ

SERGIO KOEI

ZUMBI VIVE! IGUALDADE SE CONQUISTA COM LUTA

Nos atos, duas perspectivas: luta ou submissão

WILSON H. SILVA, da redação

Este ano, o "Dia Nacional da Consciência Negra" foi comemorado em cerca de 260 (dos mais de 5 mil) municípios brasileiros. A própria resistência em relação à aceitação do feriado é um indício do quão complexos são os caminhos do racismo brasileiro.

Durante a semana, Lula e seus aliados no movimento negro não pouparam adjetivos para exaltar as "realizações" do governo para atacar o racismo. Na véspera, a ministra Matilde Ribeiro, do Seppir (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial), foi a público anunciar uma verba de R$ 2,3 bilhões para projetos quilombolas.

Contudo, as migalhas do governo estão a anos-luz das reais necessidades do povo negro. Ao falarem sobre o tema, o governo e seus aliados no movimento "esquecem-se" que a "fortuna" destinada às mais de 2 mil comunidades quilombolas existentes no país é uma ínfima parcela do que escoa em direção aos bolsos dos banqueiros. "Deixam de lado" que qualquer medida anunciada em um já rebaixado "Estatuto da Igualdade Racial" vira letra morta diante de reformas que detonam direitos.

GRILHÕES DO CAPITAL

A verdade das relações raciais no Brasil sob o governo, contudo, pode ser facilmente constatada. Dados do Dieese revelam que o salário médio pago a negros chega a ser até 52,9% menor do que o dos não-negros. A maior diferença, para a "surpresa" dos mais hipócritas, encontra-se em Salvador, onde o rendimento médio mensal dos negros é de R$ 715, contra R$ 1.350 dos brancos.

Quando combinada com a opressão machista, o abismo se aprofunda ainda mais, fazendo com que, em média, uma mulher negra receba um terço do que é pago aos homens brancos.

Já os dados da Fundação Seade mostram que a juventude negra registra o mais alto índice de mortalidade "por causas externas" (que incluem homicídios). Segundo a fundação, na população negra de 10 a 24 anos, a taxa é de 120 mortes para cada 100 mil habitantes. Entre os brancos, o índice cai pela metade: 60,5 mortes para cada 100 mil.

A diferença entre a leitura destes dados pelos setores governistas e aqueles que hoje lhe fazem oposição ficou explícita. Assim como também ficaram evidentes as diferenças entre os que acreditam que seja possível combater o racismo nos marcos do sistema e os que vêem a luta anti-racista também como um combate ao capitalismo.

Na maioria dos atos, o tom foi abertamente governista. E, no geral, a reivindicação política foi substituída por um "clima festivo".

Exemplo disso se deu em Salvador. Lá, há sete anos o "20 de novembro" é marcado por dois atos – um organizado por sindicatos e partidos políticos de esquerda, outro por grupos culturais afro-brasileiros, ligados majoritariamente ao PT. Este ano, contudo, ambos foram fartamente financiados pelo governo estadual de Jaques Wagner (PT). Algo que ficou evidente antes e durante as duas manifestações.

Os organizadores de ambas as atividades praticamente disputaram verbas estatais, oferecendo como moeda de troca quem seria o melhor defensor do governo. O resultado não poderia ser outro: cartazes, camisas e adesivos, estampados com a logomarca do governo foram amplamente distribuídos.

Destoando da despolitização e dos agradecimentos ao governo, imposta pela maioria da direção do movimento negro, a Conlutas participou da marcha organizada pelos sindicatos e organizações da esquerda baiana. Ativistas da Conlutas portavam faixas onde se lia: *"Por um novo movimento negro. Um quilombo de raça e classe"*.

SÃO PAULO: "FORA TROPAS DO HAITI"

Situação semelhante foi vista em São Paulo. A despolitização também foi percebida por muitos dos cerca de 3 mil que marcharam pela Av. Paulista.

Mas enquanto lulistas destacavam seus feitos, algumas falas arrancavam aplausos ao denunciá-lo. Esse foi o caso do professor Geraldinho, que falando em nome da Conlutas, exigiu a retirada das tropas do Haiti e conclamou negros e negras a lutarem contra as reformas neoliberais de Lula, *"cujos resultados irão atacar todos trabalhadores, mas, certamente, afetaram mais ainda nós, negros e negras, há séculos marginalizados"*. Ao final, Geraldinho destacou a principal resolução do 1º Encontro Nacional de Negros e Negras da Conlutas, realizado no início do mês: a construção de uma alternativa de organização para o movimento, que seja claramente contra as políticas do governo Lula.

As falas que causaram mais "incômodo" ao comando do ato foram feitas por dois convidados internacionais. Falando em nome do Batalha Operária, o sindicalista haitiano Didier Dominique que disse ter orgulho de estar presente no ato para pedir que os negros brasileiros lutem contra a ocupação militar do Haiti, comandada pelo governo Lula.

Já Fred Hampton Jr, filho de um dos fundadores dos "Panteras Negras", assassinado a mando do FBI, ressaltou a importância de negros lutarem contra o imperialismo e seus representantes, que, a exemplo dos governos Bush e Lula, vendem uma falsa imagem das relações raciais em seus país.

Também em São Paulo, uma coluna com mais de 100 companheiros da Conlutas e do **PSTU** levou para as ruas faixas e bandeiras contra as reformas e pela organização de um novo movimento negro, classista e de oposição ao governo.

REERGUER OS QUILOMBOS

Em várias localidades, os setores governistas usaram lamentáveis métodos para tentar calar o protesto. Em Salvador, partidos políticos como o **PSTU** e PSOL foram impedidos de falar. No Recife, os setores da esquerda nem puderam se aproximar do carro de som (apesar da Conlutas ter realizado atividades em dois importantes sindicatos da região, o dos professores municipais e dos trabalhadores da Universidade Rural).

Em Belo Horizonte, onde o "20 de novembro" ainda não é feriado, os ativistas da Conlutas realizaram uma atividade política e cultural na Santa Casa. O DCE da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) organizou um ato no bandeijão e, na parte da tarde, foi realizado um debate sobre a situação do país, a necessidade de cotas raciais nas universidades e sobre a violência policial.

Na tarde foi realizado um ato na Praça Sete, convocado pelos setores majoritários (e governistas) do movimento negro. A Conlutas marcou presença – que contou com cerca de 250 pessoas – distribuindo um manifesto que denuncia o governo e ressalta a necessidade da luta contra a dívida e o sistema capitalista. Como destacou Iani de Oliveira, do GT de Negros e Negras da Conlutas, *"nosso panfleto teve bastante receptividade. Há, certamente, interesse pelo debate e busca por novas alternativas"*.

É com esta certeza que o **PSTU** apóia a iniciativa do Encontro de Negros e Negras da Conlutas em abrir o debate sobre a construção de um novo movimento negro, que seja um verdadeiro quilombo de raça e classe, um instrumento de luta para todos aqueles que não aceitam 'meias' liberdades ou igualdades.

O PETRÓLEO É NOSSO?

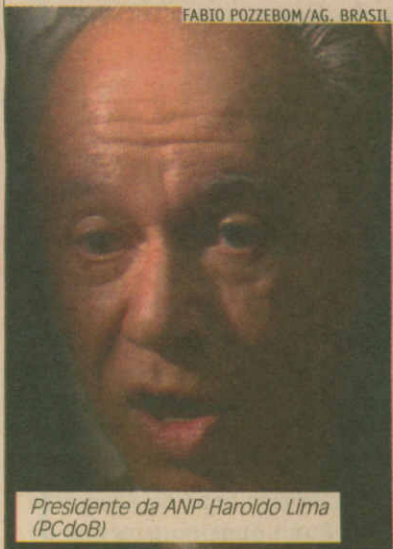
ROOSEWELT PINHEIRO/AG. BRASIL

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Declarações de nacionalismo ufanista marcaram o anúncio da descoberta do campo de Tupi, a maior reserva de petróleo já descoberta no Brasil. As reservas estão localizadas ao longo do litoral santista e se avalia como provável a existência de cinco a oito bilhões de barris de petróleo e gás natural.

Antes da descoberta, as reservas brasileiras eram estimadas em cerca de 12 bilhões de barris. Agora, poderão alcançar mais de 20 bilhões de barris, o que faria do Brasil o 12° maior produtor de petróleo do mundo – anteriormente, o país ocupava a 17ª posição.

O anúncio foi feito no dia 7 de novembro. Logo, o presidente Lula e a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, trataram de capitalizar politicamente a descoberta. Dilma é uma das pretendentes à vaga de Lula no Planalto, em 2010.

FABIO POZZEBOM/AG. BRASIL

Presidente da ANP Haroldo Lima (PCdoB)

Sem dúvida, trata-se de uma grande e promissora descoberta para o país. Contudo, ela não tem nada a ver com as demagogias do governo. As pesquisas sobre novos campos de petróleo só foram possíveis graças ao investimento do estado em tecnologia que fez da Petrobras detentora da tecnologia em águas profundas. Jamais a iniciativa privada seria capaz de bancar projetos caros e arriscados semelhantes a este.

Mas toda a euforia com a descoberta pode se transformar em decepção. Isto porque a descoberta poderá beneficiar apenas um punhado de empresários estrangeiros, ao invés de ajudar na melhoria de vida da população. Algo que ficou bastante explícito na declaração de Lula, quando disse que o Brasil poderá integrar a Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo). Para além dos delírios do presidente, a declaração significa que o governo pretende exportar o petróleo descoberto, ou seja, enviar nossos recursos naturais para abastecer a demanda dos países imperialistas – maiores consumidores de petróleo.

OURO NEGRO VAI SE ESGOTAR

A descoberta da Petrobras se reveste ainda de maior importância quando um novo choque do petróleo se avizinha. Como se sabe, o petróleo não é um recurso renovável, e as reservas disponíveis no planeta se esgotarão um dia. Estudos apontam que o fim do "ouro negro" pode estar mais próximo do que se imagina.

Um indicativo dessa preocupação é a recente alta do produto. Enquanto a descoberta era anunciada, o barril de petróleo estava sendo negociado a US$ 97,40 em Nova York e US$ 94,67 em Londres. Ao mesmo tempo, o aumento do consumo de petróleo no mundo já assumiu uma tendência inexorável, impulsionado, principalmente, pela economia norte-americana – maior consumidor– e pelo crescimento da economia chinesa. *"A curva de demanda já está superando a de produção. Os especialistas previram há 10 anos que isto ocorreria por volta de 2010 e os preços superariam os US$ 100 por barril. Já está ocorrendo e os preços já estão próximos de US$ 100. É uma irresponsabilidade falar em exportar petróleo"*, avalia o presidente da AEPET, Fernando Siquira.

Independente das previsões sobre quando se daria o choque, o fato é que o imperialismo assumiu uma política de saque e rapina desta fonte energética. No Oriente Médio, o roubo se dá pela ocupação militar do Iraque e do Afeganistão. Na América Latina, através de privatizações e parcerias com empresas estatais, como a PDVSA da Venezuela (empresas mistas) e a própria Petrobras.

SOBERANIA?

Por aqui, a política de "parcerias" da Petrobras com sócios estrangeiros foi instituída por Fernando Henrique Cardoso. Áreas em que a estatal descobriu petróleo foram entregues para multinacionais por meio de leilões. Dessa forma, todo o petróleo extraído destas jazidas destina-se à exportação.

> **DESCOBERTA DA MAIOR RESERVA de petróleo do país levanta uma pergunta: quem vai se beneficiar?**

Ao invés de interromper a entrega do petróleo, Lula deu seqüência aos leilões. Num deles, foram entregues 913 blocos em que, segundo estudos da Petrobras, existem 6,6 bilhões de barris, o que correspondia na época à metade das reservas nacionais comprovadas. Com os leilões, as empresas privadas ganham a concessão para explorar as áreas petrolíferas.

Além disso, houve um processo de abertura do capital da empresa. Hoje, a maioria do capital da Petrobras (cerca de 60%) está nas mãos de investidores privados. Entretanto, a empresa segue sendo estatal, pois o governo tem ainda a maioria do capital votante, o que permite o controle administrativo da Petrobras.

Após a confirmação de reservas gigantes, Dilma Rousseff anunciou que o governo vai retirar 41 blocos localizados no campo de Tupi da 9ª Rodada de Licitação. Mas engana-se quem vê nisso uma preocupação com a soberania do país, pois, apesar de tudo, Dilma assegurou que o leilão será realizado nos dias 27 e 28. Isso significa que 271 campos de exploração serão leiloados para empresas como a Shell e a britânica BG.

MODALIDADES DE ENTREGUISMO

Nos últimos dias, o governo colocou em discussão o regime atual de concessão para exploração de petróleo, admitindo-se adotar o regime de partilha para o caso de Tupi. Trata-se de uma medida para proteger nossa soberania? Nada disso.

No sistema contratual com partilha da produção, o petróleo produzido pela empresa petrolífera não lhe pertence, podendo, contudo, ser partilhado entre ela e o país que a contratou. Tal sistema foi adotado em países como Rússia, China, Índia e Venezuela, onde o Estado "divide" a produção com as multinacionais. Na prática, isso significa que os 41 blocos serão licitados, mas o governo só vai decidir qual será a nova modalidade do entreguismo.

Essa proposta foi construída pelo presidente da ANP (Agência Nacional de Petróleo), Haroldo Lima, que é dirigente do PCdoB. Haroldo é o responsável pelo encaminhamento dos leilões das nossas reservas, um especialista em entreguismo.

Em nenhum momento o governo sequer cogitou rever a famigerada Lei do Petróleo – instituída por FHC em 1997. A dita lei, que pôs fim ao monopólio da Petrobras sobre a exploração petrolífera, estabelece que o petróleo encontrado é propriedade da empresa produtora e lhe concede total autonomia para fazer com ele o que desejar. Isso explica porque não houve protestos dos investidores privados. Todos olham a Petrobras como uma parceira de seus investimentos.

Por tudo isso, é muito difícil acreditar na lorota de soberania entoada pelo governo.

Protesto contra entreguismo

SAMUEL TOSTA/AG. BRASIL

No dia 22 de novembro, acontece um protesto contra a 9° Rodada de Licitação. A manifestação ocorre na Candelária, no Rio de Janeiro (RJ), às 17h. O protesto contra a entrega do nosso petróleo está sendo organizado por diversas entidades, entre elas a Federação Nacional dos Petroleiros (FNP). É preciso exigir do governo o fim da Lei de Petróleo e a suspensão de todos os leilões.

Não à privatização do nosso petróleo!
Petróleo e gás sob o controle do Estado!

DIEGO CRUZ

CONGRESSO É MARCADO PELA CRISE DA DIREÇÃO DA APEOESP

DIEGO CRUZ, *da redação*

Quem analisar apenas as resoluções não vai ter idéia do que foi o 22º Congresso da Apeoesp, ocorrido nos dias 7, 8 e 9 em Serra Negra (SP). Além das manobras burocráticas de praxe, impostas pela direção majoritária do sindicato para esvaziar as discussões políticas, os delegados também puderam presenciar o crescimento da Oposição Alternativa, assim como a profunda crise que se abate sobre as duas maiores correntes do sindicato, a ArtSind e a ArtNova, dois braços da Articulação Sindical na categoria.

Tentando restringir a participação dos professores, assim como o crescimento da oposição, a direção do sindicato aprovou no congresso passado a diminuição do número de delegados. A eleição de delegados estipulada foi de um delegado para cada 70 professores. Neste congresso participaram 2.200 delegados, mil a menos do que no anterior.

Mesmo assim, a Alternativa teve um importante crescimento, representando cerca de 30% de todo o congresso. No anterior, a oposição somava 25% dos delegados.

CONGRESSO BUROCRATIZADO

A fim de diminuir qualquer discussão política, a Articulação realizou todo o congresso em apenas três dias. Os grupos de discussão ficaram restritos ao primeiro dia, pois a direção queria realizar a convenção cutista no final de semana seguinte. Desta forma, poderiam levar à convenção bem mais pessoas do que normalmente conseguiriam. Mesmo assim, a direção mostrou suas profundas divisões internas, frutos de uma disputa encarniçada pelo controle do aparato.

Um dos principais objetivos da burocracia neste congresso era aprovar uma medida que aumentaria os cargos da direção executiva da entidade, dos atuais 27 membros para 35. Assim, as duas facções da Articulação poderiam ter a grande maioria dos cargos da direção. No entanto, as brigas fratricidas da direção impediram a votação da proposta, frustrando as expectativas dos burocratas.

Além das disputas internas por cargos e privilégios, outro fator que aprofunda a crise da direção é o crescimento da Oposição Alternativa e da própria Conlutas na categoria. A direção da CUT acredita que o atual grupo dirigente, encabeçado por Carlos Ramires de Castro, o Carlão, não está conseguindo segurar a construção da Conlutas entre os professores.

Porém o crescimento da Conlutas e da Oposição reflete o desgaste dessa direção atrelada ao governo, assim como a necessidade de uma real alternativa de luta.

PSTU REALIZA PALESTRA

Entre os intervalos das atividades, os militantes do **PSTU** realizaram diversas palestras sobre a necessidade da construção do partido revolucionário. Usando como mote os 90 anos da Revolução Russa, os militantes realizaram a palestra com o auto-explicativo tema "Os limites da luta sindical e o Partido Revolucionário".

"A nossa luta, para ir até o fim, tem que discutir a questão do poder", afirmou o professor Gilberto Pereira, da Oposição Alternativa e militante do **PSTU** em uma das palestras. Gilberto usou como exemplo as vitórias parciais que a categoria tem, frutos de suas lutas, mas que ao longo do tempo revertem-se em arrocho e outros ataques.

PROFESSORES RIO DE JANEIRO

CONGRESSO DO SEPE/RJ DERROTA MAIS UMA VEZ A CUT

ANDRÉ FREIRE, *do Rio de Janeiro (RJ)*

Entre os dias 7 e 10 de novembro, aconteceu o XII Congresso do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Estado do Rio de Janeiro (Sepe-RJ). O Sepe é um dos maiores sindicatos do estado, com mais de 40 mil filiados. Com 1.050 delegados, este foi o maior Congresso de sua história.

Na última eleição da entidade, em 2006, a categoria aprovou a ruptura do Sepe com a CUT num plebiscito em que mais de dois terços dos votantes apoiaram a desfiliação da central. Portanto, este Congresso estava diante de um desafio: fazer avançar o processo de reorganização que vivem os movimentos sociais em nosso país ou retroceder, retornando a posições governistas defendidas pelos setores cutistas.

Felizmente, as resoluções do Congresso não deixaram dúvidas. A CUT foi, novamente, a grande derrotada. A primeira grande votação tratava da relação do Sepe com os governos Lula, Sérgio Cabral e César Maia. A aprovação por 68,2% dos votos da resolução que diz que a tarefa do Sepe é derrotar esses governos e suas políticas neoliberais, demonstrou que os setores cutistas estavam reduzidos a pouco mais de 30% dos votos do plenário.

A partir daí, a unidade entre a Conlutas e da Intersindical garantiu a vitória da categoria no Congresso. Na votação sobre a relação do sindicato com as alternativas que estão sendo construídas frente ao fracasso da CUT como referência para as lutas dos trabalhadores, os delegados definiram transferir para o próximo Congresso uma resolução de filiação a uma dessas alternativas, mas deixou claro o caminho a ser seguido, aprovando uma resolução, por ampla maioria, que defende como saída a unificação orgânica da Conlutas e da Intersindical numa mesma entidade.

A terceira grande votação foi muito polêmica, afinal tratava da relação do Sepe com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), entidade governista e filiada à CUT. Após um intenso debate a proposta de exigir que o CNTE rompa com a CUT foi aprovada por mais de 60% dos votos. Categoria ainda aprovou desfiliação do Sepe a CNTE, caso esta entidade não rompa com a CUT.

EDUCAÇÃO

Os delegados rejeitaram por ampla maioria o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), projeto que concentra boa parte das políticas neoliberais de Lula e do Banco Mundial para a educação no Brasil, e a saída do Sepe do programa Pró-Funcionário, projeto de capacitação profissional, da parceria entre CNTE e governos, que excluiu a maioria dos funcionários administrativos.

Na avaliação de Vera Nepomuceno, coordenadora-geral do Sepe-RJ e militante do **PSTU**, o Congresso *"foi extremamente positivo, pois foi um fórum que buscou armar politicamente a categoria para as suas lutas futuras"*. Vera ainda avalia que o congresso *"colocou o Sepe, mais uma vez, na vanguarda do processo de reorganização dos movimentos sociais brasileiros, derrotando os setores governistas"*.

PM INVADE PUC-SP E DESOCUPA A REITORIA

BRUNO MACHION, *estudante de Serviço Social da PUC-SP* e **DAYANA BIRAL**, *estudante de História da PUC-SP*

Cerca de 250 estudantes de diversos cursos da PUC-SP ocuparam a Reitoria da universidade no último dia 5, em protesto ao projeto de reestruturação da universidade apresentado pela Reitoria, o chamado Redesenho Institucional. O projeto representa um enorme ataque à autonomia universitária e à qualidade do ensino.

Seguindo a mesma linha do Reuni nas universidades federais e os demais ataques que os governos e as reitorias vêm implementando nas universidades – como foi o caso dos Decretos de Serra para as Universidades Estaduais Paulistas ou o PDI implementado na Fundação Santo André –, a Reitoria da PUC-SP, em conjunto com a Fundação São Paulo – mantenedora da Universidade – e o banco Bradesco querem criar um tipo de universidade entregue às mãos do mercado.

A Reitoria vinha levando o processo a toque de caixa, sem nenhuma discussão com o conjunto da comunidade universitária e, inclusive, apresentando como data definitiva para a votação do projeto no CONSUN (Conselho Universitário) o dia 12 de dezembro, durante as férias.

A ocupação da reitoria da PUC-SP abriu um amplo debate sobre do projeto, que polarizou a universidade. A PUC-SP voltou ao clima da greve de 2006, onde as assembléias de curso voltavam a discutir os rumos da instituição.

A reação da reitoria, da burocracia do CONSUN e da Fundação São Paulo foi chamar a Tropa de Choque da Polícia Militar, que invadiu o Campus Monte Alegre e desocupou a reitoria. A PM só havia invadido a PUC-SP há exatos 30 anos atrás, durante a ditadura militar.

A invasão da PM em 1977 foi uma reação à reorganização do movimento estudantil que lutava contra a ditadura militar. Três décadas depois, a Tropa de Choque reprime os estudantes, sob o chamado da Reitora Maura Véras, desesperada com a possibilidade de ver seu projeto mercantilista derrotado pelos estudantes.

A ação da reitoria junto à Justiça e à PM não desmobilizou os estudantes. Pelo contrário, os alunos permaneceram em frente ao prédio após a retirada pela polícia, cantando palavras-de-ordem contra a reitoria e contra o Redesenho.

Depois da entrada da polícia, os estudantes realizaram assembléias massivas, uma delas com mais de mil pessoas, onde decidiram por uma paralisação e um ato na Fundação São Paulo.

Os próximos passos do movimento agora são organizar o movimento para barrar a votação do Redesenho no CONSUN e construir um grande Congresso dos três setores da Universidade – estudantes, professores e funcionários – que tome para si a tarefa de dar continuidade à luta.

OPOSIÇÃO ELEGE OITO MEMBROS NA COMISSÃO DE FÁBRICA DA VOLKS

EMMANUEL OLIVEIRA, *de São Bernardo do Campo (SP)*

Após seis meses de "enrolação", finalmente ocorreram as eleições para a Comissão de Fábrica (CF) da Volkswagen do ABC paulista para a gestão 2007/2009. A demora deveu-se à divisão da Artsind, corrente vinculada ao ministro Luiz Marinho.

Pouco mais de 50% dos operários participaram, uma das menores votações dos últimos anos. Essa apatia deve-se ao fato de que os trabalhadores estão perdendo a confiança na direção do sindicato. É comum os operários comentarem que "a comissão é da fábrica", ou seja, do patrão.

Ao contrário do clima geral, nas alas 2 e 4, dirigidas pela oposição, a direção do sindicato jogou peso. A entidade distribuiu bonés, deslocou seus quadros dirigentes para a campanha.

A oposição concorreu com quatro chapas, todas nas alas de produção, que representam 80% do total de trabalhadores. Na ala 17, foram 158 votos para a oposição. Na ala 14, maior ala da fábrica, a oposição foi prejudicada já que os candidatos do sindicato estavam liberados enquanto os da oposição estavam em trabalho. Além disso, Rogério Romancini, candidato, não pôde entrar na fábrica para fazer campanha. Foi permitido apenas que ele votasse e, assim mesmo, com um segurança o acompanhando. Mesmo com esse favorecimento à Chapa 1, a Oposição obteve 524 votos contra 1.196 da situação.

Em números finais, a composição da comissão ficou assim: 17 representantes para a chapa do sindicato e oito para a oposição. Já se somarmos os números de votos nas quatro alas em que a oposição disputou, teremos os seguintes números: 2.057 votos para oposição e 2.678 para o sindicato. Portanto, na produção, os trabalhadores continuam divididos entre lutar contra os empresários e o governo e aceitar a parceria com a empresa.

NA BAHIA, POLÍCIA FEDERAL REPRIME OCUPAÇÃO

WELLINGTON GARDIN e **JEAN MONTEZUMA**, *de Salvador(PR)*

No feriado do dia 15 de novembro, após 45 dias de ocupação e resistência, o reitor Naomar Almeida recorreu à Polícia Federal para retirar os estudantes da reitoria da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sem qualquer diálogo com os ocupantes, o reitor seguiu a política do governo Lula de criminalização dos movimentos sociais, cuja expressão mais recente é a utilização da repressão em universidades de todo o país.

A desocupação começou com a surpresa dos estudantes, acordados por policiais com armas semi-automáticas. Vários ocupantes foram agredidos ao resistirem pacificamente, principalmente as mulheres, que compunham a maioria da ocupação. Os estudantes não tiveram tempo nem mesmo para recolher seus pertences pessoais e quatro foram presos sem qualquer justificativa, mostrando a eficiência da "democracia" do cassetete no governo Lula.

Os estudantes da UFBA ocupavam a reitoria desde o dia 1° de outubro, em decorrência dos graves problemas de sucateamento nas residências universitárias. O estopim da mobilização foi o vazamento de gás na residência 5, que já há um ano coloca em risco a saúde de estudantes e funcionários.

Logo nos primeiros dias, após um intenso debate, os estudantes sentiram a necessidade de atacar a raiz do problema, ampliando a pauta para a luta contra o decreto do Reuni e por assistência estudantil de verdade.

Uma assembléia com mais de 600 estudantes deliberou, no dia 18, pela ocupação e contra o Reuni. No dia seguinte, o reitor deu uma demonstração prévia de truculência. Na reunião do conselho universitário, utilizou seguranças contratados e apoiadores políticos para agredir os manifestantes presentes, encenando a votação de adesão ao Reuni às pressas, num processo que é deslegitimado pelo movimento estudantil e por mais de 20 membros do conselho.

ESTUDANTES MANTÊM MOBILIZAÇÃO

Mesmo diante desse ataque, o movimento estudantil não se curvou e começou imediatamente uma campanha de denúncia e mobilização. Os estudantes aprovaram um calendário para fortalecer a luta contra o Reuni e por uma assistência estudantil de verdade, enfrentando a truculência da reitoria e do governo.

TRABALHADORES na mira do governo

DIEGO CRUZ, da redação

A crise política envolvendo Renan Calheiros (PMDB) levou à paralisia do governo. Durante meses, Lula e a base aliada empreenderam todos os esforços para salvar o mandato do ex-presidente do Senado. Com a crise relativamente superada, o governo passa, agora, à ofensiva. Negocia a prorrogação da CPMF e dá seqüência a ataques aos trabalhadores.

Em Brasília, o Fórum Nacional da Previdência encerrou seus trabalhos sem alarde. Apesar da crise e da ausência de acordos, o ministro Luiz Marinho afirmou que o próprio governo encaminhará um projeto de reforma.

Como se isso não bastasse, o projeto de "reconhecimento" das centrais introduz elementos originalmente contidos na reforma Sindical. Paralelo a isso, outro obscuro projeto no Congresso reformula a CLT, podendo acabar silenciosamente com direitos históricos dos trabalhadores.

Nas universidades, o governo, com apoio das reitorias, tenta impor o Reuni, nova versão da reforma universitária. O Reuni visa precarizar ainda mais o ensino superior, acabando com a pesquisa e transformando as instituições em enormes "colégios".

É preciso responder a esses ataques. Os trabalhadores da França mostraram o caminho, apostando na unificação e na mobilização de diferentes setores contra os ataques neoliberais.

Governo e Congresso querem mudanças na CLT

YARA FERNANDES, da redação

O governo e o Congresso resolveram fazer desde outubro duas movimentações para resgatar a reforma trabalhista.

No dia 30, foi publicado no Diário Oficial da União o Projeto de Lei 1987/07, elaborado pelo Grupo de Trabalho para Consolidação das Leis. Quem lidera este grupo na Câmara é o deputado Cândido Vaccarezza (PT-SP), que afirmou, em audiência com a Conlutas em 25 de outubro, que o projeto se limita a fazer uma consolidação, reunindo as leis trabalhistas existentes num único código, a CLT.

Entretanto, o projeto revoga e substitui os artigos 1° ao 642° da CLT e afirma que vai revogar leis "extravagantes e obsoletas". *"Mas o que um patrão considera obsoleto pode não ser obsoleto para o trabalhador"*, disse Luiz Carlos Prates, o Mancha, do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos (SP).

O coletivo jurídico da Conlutas está estudando o projeto para ver se há ataques aos trabalhadores. O texto tem 30 dias para receber alterações e emendas. A votação no Grupo de Trabalho está prevista para o início de 2008.

Além deste projeto de iniciativa da Câmara, também houve uma ação do próprio Ministério do Trabalho para resgatar a idéia de flexibilizar a CLT. Uma portaria de 10 de outubro criou um grupo de trabalho responsável por elaborar um anteprojeto de lei para "modernizar" a Consolidação das Leis do Trabalho. Havia o prazo de 30 dias para que o grupo apresentasse um relatório preliminar, mas, até o fechamento desta edição, nada foi divulgado.

ATO NO DIA 28, EM DEFESA DOS DIREITOS TRABALHISTAS

Diante dos ataques que ameaçam novamente os trabalhadores, a Conlutas e seus sindicatos estão convocando para o dia 28 de novembro um ato na Câmara dos Deputados, contra o imposto sindical, contra os ataques à CLT e em defesa dos direitos dos trabalhadores. Será no Auditório Freitas Nobre da Câmara, às 14h.

"O ato é continuidade do calendário de lutas, do ato de 24 de outubro, para que o governo saiba que os trabalhadores não vão permitir mais nenhuma retirada de direitos", disse Boaventura Mendes, da Conlutas Minas Gerais.

Intensificar as mobilizações contra as reformas

A crise no Fórum da Previdência e a paralisia no projeto da reforma foram frutos principalmente da mobilização dos trabalhadores que marcou 2007.

Por outro lado, o governo já sinalizou que não desistiu dos ataques e que vai tentar impô-los de qualquer forma. A campanha e as manifestações contra as reformas demonstraram que é possível derrotá-las. No entanto, só com organização e mobilização será possível impor uma derrota definitiva ao governo Lula. Ganha, portanto, ainda mais importância o dia unificado de luta, em abril de 2008, impulsionado pela Conlutas.

Fórum da Previdência acabou. A REFORMA NÃO!

O aclamado Fórum Nacional da Previdência Social terminou seus trabalhos no dia 31 de outubro, após sua 12ª reunião. Anunciado em janeiro de 2007, junto com o Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), seu objetivo era elaborar um projeto de reforma a ser enviado ainda este ano ao Congresso.

Formado por representantes do governo, do empresariado e do movimento sindical, a instância deveria impor o projeto do governo como sendo uma proposta de toda a sociedade, ganhando a consciência dos trabalhadores a favor dos ataques. Durante meses, a simples existência do Fórum serviu como mote para a propaganda do governo e da imprensa burguesa sobre a "necessidade" da reforma e o suposto déficit do sistema.

MANOBRA FRUSTRADA

Porém, o escândalo que abalou o Senado, assim como as mobilizações contra a reforma, impediram a elaboração de um consenso em torno de um projeto. Nesse sentido, as manifestações e a campanha contra a reforma ajudaram a disseminar na população um sentimento anti-reforma, gerando crise nas direções governistas, sobretudo na CUT. Isso fez com que o Fórum não chegasse a um acordo.

O governo, através do então técnico do Ipea, Fábio Giambiagi, já havia elaborado um minucioso documento que previa, entre outros pontos, adoção da idade mínima, aumento do tempo de contribuição e outros ataques. O relatório final do Fórum, porém, contém apenas pontos genéricos sobre a necessidade do aumento do emprego formal e da fiscalização. Assim, o Fórum termina sem qualquer resultado palpável.

O governo viu frustrada sua manobra de elaborar um projeto final no Fórum e apresentá-la como um consenso da sociedade para ganhar o apoio da população.

GOVERNO NÃO DESISTIU

Mesmo não contando com o almejado consenso, o governo não desistiu da reforma. Tanto que fez incluir a seguinte declaração no relatório final do Fórum: *"a transição demográfica requer, para a sustentabilidade do pacto de gerações da Previdência Social, um ajuste do tempo de contribuição e/ou da idade de aposentadoria para o futuro"*.

Em bom português, o governo não abre mão da idade mínima nem da elevação do tempo de contribuição. *"Sobrou para o governo decidir"*, chegou a afirmar o ministro Luiz Marinho, durante entrevista coletiva realizada após o encerramento do Fórum. O relatório foi remetido ao gabinete de Lula, que deverá cuidar da elaboração do projeto a ser levado ao Congresso.

Para o ministro, deveria ser aumentado o tempo de contribuição em cinco anos, mantendo o fator previdenciário. Isso pouparia o governo do desgaste de impor a elevação da idade mínima. *"Além dos cinco anos a mais, o Ministério da Previdência teria que manter o fator previdenciário ou adotar a idade mínima para garantir a estabilidade. Optamos pelo fator"*, afirmou. Pela proposta de Marinho, as mulheres passariam a se aposentar após 35 anos de contribuição. Já os homens teriam de trabalhar por 40 anos.

Além dessas medidas, o ministério defende a restrição nas concessões do auxílio-doença e da pensão por morte.

Governo e centrais querem atrelar sindicatos ao Estado

O projeto de Lei 1990/07, que trata do chamado "reconhecimento" das centrais, foi recebido com festa pelas direções sindicais pelegas. Contudo, uma emenda proposta pelo deputado Augusto Carvalho (PPS) e aprovada com o projeto, foi um verdadeiro banho de água fria, provocando uma gritaria desses dirigentes.

O projeto, que na prática não é nada menos que a reforma Sindical formulada pelo Fórum Nacional do Trabalho, estabelece um conjunto de medidas que visam atrelar as centrais à estrutura do Estado. O Ministério do Trabalho, por exemplo, tem a prerrogativa de reconhecer as centrais mediante uma série de critérios. No entanto, a emenda aprovada acaba com um dos principais pontos do projeto original: a manutenção do imposto sindical obrigatório.

OPERAÇÃO DE COMPRA E VENDA

Pelo texto original, 10% do imposto recolhido iria direto para as centrais, representando cerca de R$ 1,2 bilhão. Na versão aprovada pela Câmara, o imposto sindical torna-se facultativo. As centrais, com a CUT e a Força Sindical à frente, foram para o Congresso fazer o que não fizeram contra a ameaça da reforma da Previdência. Articulam no Senado um poderoso lobby, com o apoio do governo, para derrubar a emenda e manter o imposto obrigatório, equivalente a um dia de trabalho dos trabalhadores.

Ao mesmo tempo em que ameaça os direitos estabelecidos na CLT da era getulista, o governo quer manter e aprofundar as medidas daquele período que submetem as organizações dos trabalhadores ao Estado. Na prática, o repasse às centrais compraria o apoio dessas entidades à política do governo e às suas reformas. Com as centrais atreladas, tendo seus cofres recheados com o dinheiro do imposto, ficaria mais fácil impor as reformas da Previdência e trabalhista.

"O apoio do governo Lula à obrigatoriedade do imposto sindical e à destinação de uma parte dele às centrais, contrariando inclusive posicionamento tradicional do próprio PT, é uma operação de compra e venda", afirma Zé Maria, da Coordenação da Conlutas. É exemplar que o PT e a CUT, que historicamente sempre defenderam o fim do imposto obrigatório, agora se mobilizem e pela sua manutenção.

"A Conlutas defende o reconhecimento legal das centrais sindicais, pois este é um direito dos trabalhadores. Mas não concorda com este projeto negociado entre governo e algumas centrais", afirma nota divulgada pela Conlutas. Para a entidade, *"os sindicatos devem financiar suas atividades através das contribuições associativas e descontos realizados por ocasião das campanhas salariais, sempre a partir de decisão soberana dos trabalhadores"*.

TRABALHADORES FRANCESES DÃO O EXEMPLO

Trabalhadores grevistas da estação St. Lazare em Paris

Ato no dia 14 de novembro

Os trabalhadores da França estão dando um exemplo de combatividade contra os ataques neoliberais. Tal como aqui, eles também lutam contra a reforma da Previdência. No último dia 13, os funcionários públicos, encabeçados pelos trabalhadores dos transportes, entraram em greve por tempo indeterminado contra a reforma imposta pelo primeiro-ministro do país, o direitista Nicolas Sarkozy. Ferroviários, metroviários e motoristas de ônibus cruzaram os braços.

Os trabalhadores das estatais de gás e eletricitários engrossaram as mobilizações. A paralisação interrompeu a maior parte do transporte público do país. A reforma prevê o fim do regime especial de aposentadoria que certos setores do serviço público têm direito. Tal regime permite a aposentadoria a partir dos 37,5 anos de contribuição. O projeto de Sarkozy amplia esse tempo para 40 anos. A reforma atingiria cerca de 1,5 milhão de pessoas.

Os trabalhadores franceses já haviam realizado uma paralisação contra o projeto no dia 18 de outubro. Dessa vez a greve é por tempo indeterminado e vem recebendo o amplo apoio de diversos setores. No último dia 20, ocorreu uma paralisação unificada reunindo diversas categorias, inclusive trabalhadores da iniciativa privada, como os da França Telecom e da construção e obras públicas.

ESTUDANTES TAMBÉM ENTRAM EM CENA

A mobilização dos estudantes franceses unifica-se com a greve dos servidores, impulsionando uma forte luta contra o governo e seus ataques. Após a vitória contra o CPE, os estudantes se mobilizam contra a chamada "lei Pécresse", referente à ministra do ensino superior, Valérie Pécresse. A lei confere autonomia administrativa e financeira às universidades, obrigando as instituições de ensino a buscarem recursos junto ao mercado.

Desta forma, assim como no Brasil, a "reforma universitária" do governo Sarkozy, faz avançar a privatização das universidades. Estudantes bloquearam as entradas de 37 campi. No dia 14, os estudantes se somaram às manifestações dos funcionários públicos. *"Perante os ataques, defendam a fac (faculdade)"*, gritavam.

Este é um exemplo de luta e unificação que deve ser seguido pelos trabalhadores e estudantes brasileiros.

REFORMA APROFUNDA SUPEREXPLORAÇÃO DAS MULHERES

JANAINA RODRIGUES, da Secretaria de Mulheres do PSTU

A proposta de uma terceira reforma da Previdência se apresenta como mais uma iniciativa de nossos inimigos de classe para aumentarem seus lucros e privilégios à custa da destruição das condições de vida e trabalho das mulheres trabalhadoras.

A política é aumentar o tempo de contribuição das mulheres, que já têm múltiplas jornadas de trabalho. Desconsidera-se o fato de que essas estão subordinadas a duplas e triplas jornadas de trabalho e que ganham em média 30% a menos que os homens.

Outra proposta, recentemente aprovada no Senado, foi a de uma suposta licença-maternidade de seis meses para as mulheres que trabalham na iniciativa privada. Esta licença é facultativa às empresas que "quiserem concedê-la". As que aderirem, ganharão isenção fiscal que pode chegar a R$ 500 milhões ao ano.

Como podemos perceber, essa é mais uma medida que não serve às trabalhadoras, mas à burguesia – que economizará milhões ao aderir à proposta – e ao Estado e governo, que se desresponsabilizam de arcar com suas obrigações e enxugam os gastos públicos em nome da aplicação das medidas impostas pelo FMI.

Além disso, tal medida caminha no sentido de facilitar a reforma trabalhista, abrindo precedente para o corte da licença-maternidade.

Precisamos combater tais propostas e encabeçar um amplo movimento contra o aprofundamento da precarização do trabalho feminino, que é um mecanismo do capitalismo para aumentar seus lucros, rebaixando as condições de vida de toda a classe trabalhadora.

'CONSTRUÇÃO AO SOCIALISMO' INGRESSA NO PSTU

Coluna do CAS durante a Marcha a Brasília do dia 24 de outubro desse ano

Uma das votações no Congresso do CAS

HENRIQUE CANARY,
de Maringá (PR)

Nos dias 16, 17 e 18 de novembro ocorreu na cidade de Maringá (PR) o 1° Congresso da organização trotskista "Construção ao Socialismo" (CAS).

O CAS foi fundado em setembro de 2002 por ativistas do movimento estudantil que estiveram na Argentina e viveram pessoalmente o processo revolucionário conhecido como "Argentinazo" no final de 2001. Entusiasmados com a situação argentina e latino-americana, esses jovens militantes voltaram ao Brasil com a firme determinação de fundar um partido revolucionário e internacionalista. O CAS se desenvolveu como uma forte organização regional, passando a dirigir não só o DCE da Universidade Estadual de Maringá, mas também um importante sindicato da região, o Sindicato dos Servidores Municipais de Maringá (Sismmar), cuja história é marcada por heróicas lutas. De um grupo meramente estudantil, o CAS se transformou em uma respeitada organização de trabalhadores e dos setores mais explorados e oprimidos.

DISCUSSÕES SOBRE O INGRESSO AO PSTU

Há cerca de dois anos começou-se a pautar no interior do CAS a possibilidade de um ingresso no **PSTU** e na LIT, com o objetivo de fortalecer um projeto estratégico em âmbito nacional e internacional. A experiência prática conjunta entre CAS e **PSTU** no movimento sindical e estudantil, a participação unitária nas eleições burguesas e o debate político e programático permitiram que as duas organizações avançassem muito rapidamente nessa perspectiva e começassem a encaminhar um processo planejado de ingresso dos companheiros do CAS no **PSTU**.

Esse foi o tema central do 1° Congresso do CAS (até então só haviam ocorrido plenárias e conferências). A resolução final aprovada (ver ao lado) resgata o mérito dos companheiros na construção de uma organização revolucionária com uma séria vocação internacionalista e operária e aponta a necessidade de se avançar num projeto ainda mais importante: um partido revolucionário de combate com peso nacional, ligado a uma organização marxista internacional.

UM CONGRESSO EMOCIONANTE

Embora houvesse um grande acordo político sobre a necessidade de ingressar nas fileiras do **PSTU** e da LIT, o Congresso do CAS foi marcado por discussões extremamente apaixonadas, que refletiam a responsabilidade, o entusiasmo e a emoção de dissolver uma organização construída com o esforço de dezenas de militantes durante pelo menos cinco anos. O nó na garganta de todos os oradores era indisfarçável.

A leitura da resolução final foi a parte mais tocante do Congresso. Muitos companheiros acompanhavam a leitura da resolução com os olhos cheios d'água, provavelmente lembrando os duros embates e também os alegres momentos de todos esses anos de militância em comum.

Aprovada a resolução final por unanimidade, a bandeira do CAS, até então estendida atrás da mesa do Congresso foi retirada e cuidadosamente dobrada para fazer parte da história da construção do partido revolucionário no Brasil. No lugar dela uma enorme bandeira do **PSTU** foi erguida. Nesse momento, a emoção chegava a seu máximo. Alguns companheiros vestiram imediatamente camisetas e broches do **PSTU** e da LIT. Todos em pé, mão esquerda erguida punho, entoaram a Internacional. Ao final, os delegados se abraçavam numa mistura de riso e lágrimas. Uma valorosa organização revolucionária, o CAS, deixava de existir. Outra, o **PSTU**, dava um salto e se fortalecia qualitativamente.

PERSPECTIVAS

Se é verdade que o CAS deixou de existir como organização, também é verdade que o **PSTU** não será exatamente o mesmo depois desse congresso. CAS e **PSTU** deram uma amostra concreta de o quanto é mentirosa e reacionária a idéia de que "a esquerda só se une na cadeia". Unimos-nos para a luta em base a um sólido acordo teórico, programático, político, metodológico e também moral. A causa da construção de um partido revolucionário nacional e internacional só teve a ganhar. Esperamos que esse processo sirva de exemplo para a discussão com outros grupos e organizações revolucionárias, dentro e fora do Brasil.

Aos que ingressam agora em nossas fileiras dizemos: Bem vindos, camaradas!

RESOLUÇÃO SOBRE INGRESSO NA LIT E NO PSTU

VEJA OS PRINCIPAIS TRECHOS da Resolução final do Congresso do CAS

CONSTRUÇÃO AO SOCIALISMO, desde o seu surgimento, sempre colocou como desafio fundamental a edificação de um partido nacional e internacional, capaz de unificar os revolucionários em torno a um programa, uma política e uma metodologia para a revolução proletária. (...)

Em toda nossa existência nunca concebemos a construção desse Partido (...) como o crescimento linear de nossa própria organização ou como o resultado de acertos políticos geniais. Ao contrário, sempre (...) buscamos todo o tipo de acordos e frentes que pudessem fazer avançar a unidade dos revolucionários.

(...) Com esse espírito, em junho de 2007 CAS e PSTU estabeleceram um Comitê de Enlace, cujo objetivo era avançar na discussão sobre a entrada do CAS ao PSTU, entendendo-se essa entrada como parte do processo mais geral de reorganização das forças revolucionárias na América Latina e no mundo e, em particular, como parte do processo de reconstrução da LIT. (...)

Quaisquer que tenham sido nossas divergências ao longo desses cinco anos, consideramos todas elas como parte do passado ou como desacordos de caráter tático e secundário. Chegamos ao final desse processo com a firme determinação de ser parte da reconstrução da IV Internacional desde um patamar superior, quais sejam as fileiras da LIT e do PSTU. Com esse passo teremos honrado da melhor forma possível os ideais que nos uniram há cinco anos atrás quando fundamos o CAS.

Nas palavras de Trotsky, *"Nosso objetivo é a libertação material e espiritual total dos trabalhadores e explorados, mediante a revolução socialista. Ninguém a preparará, ninguém a guiará, exceto nós, a Quarta Internacional!"* (...)

O Congresso do CAS resolve:

1) Dissolver CONSTRUÇÃO AO SOCIALISMO como organização e ingressar imediatamente nas fileiras da LIT e do PSTU, (...) acatando por conseguinte seu programa, estatutos e estrutura organizativa.

2) Fazer publicar à toda a periferia, ex-militantes e amigos do CAS, bem como às outras organizações de esquerda nacionais e estrangeiras essa decisão.

Abaixo o capitalismo e o imperialismo!
Viva a Revolução Proletária Mundial!
Viva o Partido Mundial da Revolução Socialista – IV Internacional!

Congresso do CAS
18 de novembro de 2007.
Votação: Aprovada por unanimidade de votos plenos e consultivos.

QUANDO O DISCURSO NÃO BASTA, O POVO VAI ÀS RUAS

PROTESTOS ESTUDANTIS mostram crise social

***CESAR NETO** e*
***LEONARDO ARANTES**, de Caracas*

O governo de Hugo Chávez se caracteriza por ser uma verdadeira máquina de frases de efeito e fatos políticos que levam a esquerda à loucura, tal qual em uma boa jogada de futebol. Contudo, se no futebol, as jogadas brilhantes não bastam para ganhar a partida, as frases de efeito de Chávez também não alteram a realidade.

Depois de nove anos no governo a situação não se transformou substancialmente. Ninguém nega a presença das "misiones"*, mas o povo é exigente e quer mais. O barril de petróleo já alcançou os U$ 100. Por outro lado, isso não significa melhoria das condições de vida dos trabalhadores. O problema habitacional, o desemprego e os baixos salários seguem presentes no dia-a-dia dos venezuelanos.

O Socialismo do Século 21, ao contrário do socialismo do século 20 que é anticapitalista, nada mais significa do que um "novo" modelo, baseado na mesma exploração operária e também na mesma repressão aos trabalhadores. Assim, durante 2007, as massas estão aprendendo o que é o socialismo do século XXI e quais são suas principais características:

A) Inflação do país é a mais alta de América Latina, que no fim do ano superou 18% e os alimentos que individualmente chegaram a uma alta de 25%. Por outro lado, entretanto, o salário mínimo é de 614.790 mil bolívares e um litro leite em pó (isso quando se consegue achá-lo), custa 30 mil, ou seja, um dia e meio de salário.

B) Escassez de vários alimentos. Carne, frango, leite, ovos, óleo de cozinha e pão, todos desapareceram dos mercados. Quando se consegue algo, é apenas no mercado informal a preços impagáveis.

C) O governo Chávez é um péssimo patrão. Os trabalhadores públicos já estão há quatro anos negociando seus salários e até agora nada. Os trabalhadores do Conselho Nacional Eleitoral estão há 16 anos sem contrato. Os trabalhadores petroleiros tiveram que realizar várias mobilizações e enfrentaram uma brutal repressão com direito à bala e tudo. Igual ao melhor modelo de repressão praticado pelos governos neoliberais. Tudo para poder conseguir a assinatura do contrato coletivo, que há um ano está vencido. Mesmo assim, as conquistas econômicas conquistadas não repõem as perdas inflacionárias.

OS TRABALHADORES NÃO DÃO TRÉGUA

Se nos anos anteriores a política venezuelana esteve marcada pela resposta às tentativas de golpes de Estado e pela luta contra as políticas de Bush, este ano foi marcado por lutas operárias. Marchas, greves, paralisações em cidades industriais e paralisações provinciais. Sidor, Sanitários Maracay, trabalhadores petroleiros, Toyota, Mitsubishi, são alguns exemplos de lutas operárias. Cidades como Puerto Ordaz, Maracay e Barcelona viveram a experiência de paralisações, nas quais se combinaram mobilizações de setores populares com os operários.

MOVIMENTO ESTUDANTIL GANHA ÀS RUAS

Nas últimas semanas assistimos protestos estudantis em sete dos 23 estados. Os principais estados do país estiveram envolvidos nessa luta, algo que mostra sua extensão. Mobilizações massivas e com muita radicalidade, sendo que em Cumaná houve um princípio de saque ao comércio. Em Tigre, importante região petroleira do sul do estado Anzoátegui, houve revoltas estudantis contra a alta das passagens. O protesto incluiu queima de ônibus e enfrentamentos com a polícia chavista. O pano de fundo é um profundo questionamento ao aumento do custo de vida, falhas nos serviços de eletricidade, água, educação, saúde etc.

O movimento estudantil é dirigido por dois grupos. De um lado, estão os grupos ligados à oposição de direita e pela Bandera Roja, que durante anos dirigiu o movimento com seus métodos stalinistas usando e abusando da violência física e militar contra os ativistas honestos. Por outro, encontramos as direções estudantis chavistas. Estas aplicam os mesmos métodos autoritários de Bandera Roja e cia. Os principais grupos são os conhecidos Alexis Vive e Tupamaros.

Os tiroteios [que recentemente foram noticiados] são métodos de gângsteres praticados por ambos os bandos e onde os estudantes que desejam lutar, não podem porque eles não deixam.

UNIVERSIDADE

Parte do descontentamento dos estudantes tem a ver com o problema do ingresso nas universidades públicas. Por seu sistema de seleção, elas acabam favorecendo o ingresso dos filhos da classe média alta e da pequena burguesia. Como o modelo de ingresso não favorece os mais pobres, o que lhes sobra são as "misiones" ou as escolas privadas. Vemos que nas "misiones" se aplica o modelo cubano, baseado em aulas improvisadas, os monitores que substituem professores, que inclusive não têm garantias trabalhistas.

As universidades privadas, com financiamento estatal, cobram um preço exorbitante e atuam como supermercado de ensino, onde a educação é uma mercadoria, cujo acesso só podem ter aqueles que têm dinheiro para pagar.

O atual ciclo de lutas estudantis é reflexo da situação que vive a população e está baseado na inflação e desemprego. Agregue-se a isso, um modelo de ensino no qual os mais ricos têm ingresso assegurado nas universidades públicas e aos pobres só resta as "misiones" ou o ensino privado. Todos esses elementos determinam a cabeça da juventude. A paixão pelo chavismo está em queda e tem se transformado em profundos desgastes.

APOIAR AS LUTAS

Na vanguarda há uma discussão imposta pelos chavistas, que todo aquele que discorde do governo é um traidor a serviço do imperialismo. Esta é uma hábil e nefasta política.

Por essa análise, o movimento estudantil é traidor, pois é dirigido por Bandera Roja ou pela direita. Nós não confundimos o movimento com sua direção. Devemos analisar o movimento e dentro dele sua direção.

O que está se gestando é uma crise no interior do chavismo, onde a paixão pelo governo dá lugar à insatisfação. O movimento estudantil, os trabalhadores petroleiros, os professores, são parte da luta pelas transformações de que o país necessita.

A enorme presença de estudantes nas ruas de sete estados e a radicalidade de seus enfrentamentos são elementos que fazem parte da crise social. Compete-nos, primeiro, concluir que existe uma insatisfação e que ela é justa; segundo, que estes anos de paixão chavista, de capitulação por parte da esquerda, deixaram os estudantes sem uma alternativa de esquerda.

Por isso, nossa principal tarefa é disputar a direção destas mobilizações contra as organizações de direita.

Existem grupos como os ex-trotskistas de Marea Socialista y Clasista que chamam a "cerrar fileiras junto a Chávez e a revolução" e grupos propagandistas que apenas dizem que as mobilizações são dirigidas pela direita e que nada se pode fazer. Desta maneira, terminam por capitular à direita, por se recusarem a disputar a direção, mas também fazem coro ao chavismo, quando dizem que são mobilizações da direita.

SAIBA MAIS

***MISSÕES**

As missões são programas sociais compensatórios, como o Bolsa Família no Brasil, implementado por Chávez e sustentado pela renda petroleira.

Publicação da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI) – www.litci.org

90 ANOS DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

A LUTA PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA INTERNACIONAL CONTINUA VIGENTE

As lições de Outubro

Apesar das mudanças que, evidentemente, se produziram no mundo, os principais ensinamentos dessa experiência continuam totalmente válidos e essenciais para o estudo e a discussão.

• O capitalismo imperialista só oferece à humanidade um crescimento cada vez maior da pobreza, da miséria, da fome, guerras e a destruição da natureza. Recordemos que em 1917 estava em curso a terrível matança que significou a I Guerra Mundial. Desde então, essa realidade não fez mais do que se agravar, apesar de todos os avanços da técnica.

• O único caminho para modificar este estado de coisas é uma revolução operária e socialista que acabe com a raiz do sistema capitalista imperialista. Não há nenhuma possibilidade de "reformá-lo" ou "humanizá-lo".

• Para iniciar esse processo de revolução operária e socialista é necessário tomar o poder em cada país e destruir o estado burguês, especialmente suas Forças Armadas, o pilar básico desse estado e desse poder.

• Depois da tomada do poder, é necessário expropriar a burguesia, transferindo ao novo Estado operário o controle dos principais recursos da economia, estabelecer o monopólio estatal do comércio exterior e aplicar um plano econômico central a serviço das necessidades dos trabalhadores e do povo. Foi isso que permitiu os gigantescos avanços econômicos e sociais da URSS.

• É necessário construir um estado de novo tipo, totalmente diferente do velho estado burguês, tanto em sua base social como em seu funcionamento. Esse novo estado operário deve estar baseado em instituições dos trabalhadores e do povo, que permitam resolver democraticamente os grandes problemas e, ao mesmo tempo, garantir a execução das medidas adotadas. Os sovietes russos eram "conselhos" integrados por representantes eleitos diretamente pelos trabalhadores de uma fábrica e os camponeses pobres de uma região. Eles deviam prestar contas de sua atuação diante de sua base. Se não cumprissem o mandato votado, podiam ser substituídos por essas bases.

• A democracia operária, e as instituições que a expressam, são pilares imprescindíveis na construção de um processo verdadeiramente socialista. O socialismo só pode surgir como resultado da mobilização e organização autônomas da classe operária. Toda tentativa de dirigir burocraticamente esse processo através de "secretários gerais geniais" ou por "comandantes infalíveis" está condenada à degeneração e ao fracasso.

No dia 7 de novembro, completaram-se os 90 anos da Revolução Russa, um dos fatos políticos mais importantes do século XX. O calendário juliano, vigente nessa época na Rússia, fez com que este acontecimento ficasse registrado como Revolução de Outubro ou, simplesmente, Outubro.

Em 1917, pela primeira vez na história, os trabalhadores de um país destruíram um Estado burguês, tomaram o poder e conseguiram defendê-lo para iniciar a construção de um tipo de Estado desconhecido até então (a URSS) e o caminho rumo ao socialismo.

As conquistas obtidas pelos trabalhadores na URSS foram impressionantes: eliminaram-se chagas crônicas do capitalismo, como o desemprego e a pobreza extrema, e foram alcançados níveis altíssimos de educação e saúde públicas. Em seus primeiros anos, também houve grandes avanços na condição da mulher e um desenvolvimento extraordinário da arte, libertada do mercantilismo burguês.

Não existem precedentes de avanços tão importantes em todos esses campos, nem sequer nos períodos de maior desenvolvimento capitalista. São fatos históricos impossíveis de ocultar em momentos em que o capitalismo nos mostra suas piores e mais destrutivas consequências.

A LIT-QI quer render sua homenagem a essa gigantesca tarefa emprendida pelos trabalhadores russos. Não o fazemos como quem visita um museu e se emociona frente a uma representação do passado, mas porque consideramos que as lições da revolução têm hoje mais vigência do que nunca. Em especial, que é possível lutar pelo poder operário para iniciar a construção do socialismo, através de um grande processo de transformações políticas, econômicas e sociais.

• Na URSS, só as terríveis condições da guerra civil (1918-1921), impulsionada pela burguesia e apoiada pela intervenção de 14 exércitos estrangeiros, levaram Lenin e Trotsky a restringirem a democracia operária. Para eles, era uma situação de exceção que devia ser rapidamente corrigida quando as condições o permitissem. Depois, a burocracia stalinista converterá essa exceção em regra e transformará os sovietes e os organismos do partido em uma horrível caricatura do que foram.

• Assim como Marx, Lenin e Trotsky consideravam que o sistema socialista deveria partir, no mínimo, de um nível de desenvolvimento econômico equiparável ao do capitalismo mais desenvolvido. Dado que a Rússia era um país capitalista atrasado, eles afirmavam que a URSS não iniciava diretamente a construção do socialismo, mas sim de um período de transição cuja duração dependeria da revolução socialista internacional.

• Para dirigir conscientemente as distintas etapas do processo, é necessário a construção de um partido revolucionário centralizado democraticamente, segundo o modelo proposto por Lenin, desde 1903. Essa combinação contraditória (o centralismo e a democracia interna) é a única que permite dar forma à ferramenta que as distintas tarefas da revolução exigem. Deve ser centralizado e disciplinado na ação, porque necessita atuar com uma férrea unidade para enfrentar as mais difíceis provas da luta de classes (a tomada do poder, a expropriação da burguesia, guerras civis, etc). Junto com isso, deve ter também a mais ampla democracia interna para elaborar a melhor análise da realidade e as melhores respostas a essas difíceis provas. Os debates nos congresos e organismos do partido bolchevique eram de uma extraordinária riqueza e intensidade: nenhuma das grandes decisões era votada por unanimidade. Posteriormente, o stalinismo transformou este partido em uma sinistra caricatura.

• A revolução socialista se inicia com a tomada do poder em um país, mas só pode triunfar estendendo-se aos demais países do mundo, especialmente às principais potências imperialistas. Todo triunfo nacional será provisório enquanto o imperialismo não for derrotado mundialmente. Lenin e Trotsky sempre consideraram que a URSS, pelo atraso econômico herdado, só poderia sobreviver se a revolução se estendesse à Europa ocidental, em especial à Alemanha, o país mais desenvolvido do continente. Para eles, Outubro deveria ser o estopim da revolução européia e mundial. A este objetivo dedicaram seus maiores esforços. Inclusive, em meio à guerra civil, em 1919, fundaram a III Internacional para construir uma direção revolucionária mundial com peso de massas.

• Contra essa concepção internacionalista, o stalinismo elaborou a teoria da possibilidade de construir o socialismo em um só país, para justificar a defesa dos interesses e privilégios da casta burocrática governante. Essa teoria se transformou, posteriormente, na justificação ideológica das pirores traições do stalinismo à revolução mundial.

A BUROCRATIZAÇÃO DA URSS

Ao mesmo tempo em que resgatamos e reivindicamos esses ensinamentos, é necessário explicar para as novas e velhas gerações de lutadores revolucionários por que se produziu a burocratização stalinista e, depois, a restauração capitalista que levou à desaparição da URSS.

O atraso econômico da Rússia tornava ainda mais irrealizável a proposta da construção do socialismo em um só país. Aquela realidade, além disso, agravava-se pela deterioração sofrida pela Rússia durante a I Guerra Mundial e pelas consequências destrutivas da guerra civil, na qual morreram um milhão de jovens operários, a melhor vanguarda da revolução.

Nessas condições, só a extensão da revolução podia salvá-la. Mas a primeira onda revolucionária européia foi derrotada. A república dos sovietes da Hungria sobreviveu apenas uns meses. A revolução alemã de 1918-1919 não pôde tomar o poder, apesar do heroísmo dos "espartaquistas". Seus dirigentes, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, foram assassinados. A onda de guerras e ocupações de fábrica na Itália (1921) também foi derrotada e, em 1924, o processo culminou na vitória do fascista Mussolini. A ausência de partidos revolucionários sólidos e experimentados cobrara seu preço.

A URSS sobrevivera, mas estava exausta. Ao mesmo tempo, a revolução européia era derrotada e a deixava isolada. Essa difícil combinação é a explicação principal da burocratização do jovem estado soviético e do partido bolchevique.

Ao mesmo tempo que grande parte dos melhores operários revolucionários morrera na guerra civil, começou a surgir uma camada cada vez maior de funcionários oportunistas, muitos deles ex-czaristas reciclados, e um setor de comerciantes intermediários que se beneficiava com os problemas econômicos. Stalin se apoiou nessas camadas sociais, como seu representante. A partir dessa posição, acentuou ao extremo o processo de burocratização. Neste momento, lançou a proposta de "socialismo em um só país" como uma forma de assegurar os privilégios que esses setores obtinham. Outro setor do partido, encabeçado por Trotsky, começou seu combate à burocratização do partido e do Estado e em defesa do programa bolchevique.

A burocratização, e o stalinismo como sua expressão política, nasceram, em grande medida, da derrota da revolução européia. Depois, suas próprias políticas frente a novos processos revolucionários originaram outras duras derrotas: a nova revolução alemã de 1923; o processo chinês de 1925-1927; a greve geral inglesa de 1925 e, finalmente, sua desastrosa política frente ao surgimento do nazismo. Cada uma dessas derrotas fortalecia e consolidava a casta governante na URSS.

Equivocam-se aqueles que afirmam que a burocratização e o stalinismo são "filhos legítimos" de Lenin e do partido bolchevique, e que já estavam latentes em suas concepções. O stalinismo é o resultado de profundos processos econômicos, políticos e sociais desfavoráveis para os trabalhadores. Por outro lado, para dominar totalmente o partido bolchevique e o aparato de Estado, Stalin precisou implementar um sangrento processo contra-revolucionário, que assassinou ou encarcerou milhares de dirigentes, quadros e militantes. O ponto máximo foram os tristemente célebres "Processos de Moscou", entre 1936 e 1939, nos quais foram executados dirigentes históricos do partido, como Kamenev, Zinoviev e Bukharin, e o assassinato de Trotsky, em 1940. Longe de nascer das entranhas do partido bolchevique, pelo contrário, o stalinismo foi seu destruidor.

Outro dos piores crimes stalinistas foi dizer a milhões de trabalhadores de todo o mundo que "a URSS já havia alcançado o socialismo". Algo completamente falso, não só por seu nível de desenvolvimento econômico, importante mas muito abaixo do nível das principais potências imperialistas, mas, fundamentalmente, pela existência de um Estado burocrático e repressivo que impedia qualquer tipo de democracia para os trabalhadores e o povo.

Essa identificação foi agravada, posteriormente, com as intervenções repressivas do exército soviético nos países do Leste Europeu, como a invasão da Tchecoslováquia, em 1968. Dessa forma, a imagem do "socialismo real" resultava em uma perspectiva muito pouco atraente para milhões de trabalhadores e lutadores de todo o mundo, facilitando assim o trabalho ideológico, contra o socialismo, do imperialismo e das burguesias nacionais.

A RESTAURAÇÃO CAPITALISTA

Apesar das profundas deformações burocráticas, a economia estatal planificada demonstrou todo seu potencial e a URSS se transformou em uma grande potência econômica mundial. A experiência se repetiria, em seguida, em outros países, como China e Cuba, que partiram de um grau muito baixo de desenvolvimento e também conseguiram superar a fome e a pobreza extremas.

Mas esses saltos econômico-sociais ocorreram dentro das fronteiras nacionais de países atrasados, enquanto o imperialismo continuou dominando a economia mundial de conjunto. Por isso, a burocratização desses estados representava o germe de sua própria destrução.

Isso já havia sido previsto por Trotsky. Em A Revolução Traída (1936), após constatar e reivindicar os avanços econômicos da URSS, ele assinala que o futuro da URSS teria um "pronóstico alternativo": ou se produzia uma nova revolução política que, mantendo as bases econômico-sociais do Estado operário, reinstalasse a classe operária no poder e impulsionasse a revolução mundial, ou a burocracia, cedo ou tarde, terminaria conduzindo à restauração capitalista.

Lamentavelmente, essa previsão se cumpriu décadas depois. Foi a própria burocracia encabeçada por Gorbachov, na URSS; Deng Xiao Ping, na China, e Fidel Castro, em Cuba, quem restaurou o capitalismo em seus países.

Para a LIT-QI, a restauração capitalista nos ex-estados operários não significou o fracasso do projeto da revolução socialista internacional, formulado por Marx, mas sim o fracasso de sua falsificação: a proposta stalinista de socialismo em um só país.

VITÓRIA DO CAPITALISMO?

A burguesia e seus defensores afirmam que a queda da URSS significou o fracasso final da "utopia socialista" e o triunfo do capitalismo, que teria demonstrado ser um sistema econômico-social superior.

No entanto, uma observação objetiva do mundo que este "capitalismo vitorioso" nos oferece nos permitirá constatar rapidamente como crescem a pobreza e a miséria, inclusive nos EUA, o país mais rico do mundo, junto com suas seqüelas de fome, desnutrição infantil e degradação da vida humana. Além do fato de que, para assegurar seu domínio, o imperialismo apela cada vez mais às invasões coloniais e às guerras genocidas, como ocorre no Afeganistão, Haiti ou no Iraque. Ao mesmo tempo, sua ganância por lucros ameaça a própria natureza e a vida no planeta.

Na Rússia, e na maioria dos ex-estados operários, a restauração capitalista e a destruição das conquistas de Outubro, como em saúde, alimentação, moradia, significaram uma gigantesca catástrofe social. Isso se expressa na queda de seis ou sete anos na expectativa de vida média da população russa desde a desaparição da URSS.

Se essa perspectiva é o melhor que o "capitalismo vitorioso" pode oferecer, se esse é o ponto máximo de desenvolvimento social que pode alcançar a humanidade, se não somos capazes de superar o atual estado de coisas, então, o futuro da espécie humana será totalmente trágico e sombrio. A vitória definitiva do capitalismo significaria, na realidade, uma trágica derrota. Hoje está mais viva do que nunca a alternativa formulada por Rosa Luxemburgo: "Socialismo ou Barbárie".

Uma experiência superada?

A queda da URSS e o fracasso do "socialismo real" levaram também muitos lutadores, que compartilham nossa crítica ao capitalismo, à conclusão de que a experiência de Outubro, embora deva ser considerada heróica, não serve como referência para os atuais processos de luta.

Alguns afirmam que as condições em que ocorreu a Revolução Russa já não existem, porque as mudanças produzidas no mundo nesses 90 anos tornaram obsoletos os ensinamentos da revolução. Outros afirmam que essa experiência fracassou porque se baseava em concepções equivocadas da sociedade e do Estado, como o objetivo errôneo de impor a Ditadura do Proletariado, proposto por Marx, ou a necessidade de um partido centralizado para dirigir o processo, formulada por Lenin. Essas concepções e objetivos equivocados conteriam, desde o início, a semente da burocratização do Estado e do partido e do inevitável fracasso do processo revolucionário.

Desse balanço, essas correntes extraíram a conclusão de que é necessário propor "novas formas" de superar o capitalismo. Por exemplo, não é necessário tomar o poder de Estado, porque o "poder corrompe", e sim construir um "contrapoder popular" que, em algum momento, superará o primeiro. Ou que as instituições da democracia burguesa são as melhores para representar os trabalhadores e o povo. Trata-se, então, de "disputar seu conteúdo de classe" na perspectiva de "radicalizar a democracia".

Nos anos transcorridos desde a queda da URSS, essas propostas tiveram a possibilidade de provar sua validez em processos e lutas revolucionárias, especialmente na América Latina. Nenhuma delas foi capaz de ajudar no avanço desses processos. Suas experiências de "transformação social" ficaram, no melhor dos casos, a uma distância gigantesca do que foi obtido como resultado da Revolução Russa.

Por outro lado, muitos dos defensores da "radicalização da democracia" se transformaram em presidentes, ministros, parlamentares, etc, e são hoje ativos defensores do sistema capitalista e do Estado burguês. Por sua vez, muitos dos defensores da construção do "contrapoder" apelaram, para sustentar suas organizações, com subsídios estatais de fundações de países imperialistas ou de empresas capitalistas. Por uma via diferente, também terminaram apoiando o sistema e o Estado burguês, como espécies de ONGs.

O "Socialismo do Século 21" de Hugo Chávez

Queremos nos referir também a Hugo Chávez e sua proposta de "Novo Socialismo do Século XXI". Afirmamos que é uma falsa ilusão esperar que as forças armadas burguesas e um setor da burguesia (a "burguesia boliviariana") possam encabeçar uma transformação revolucionária socialista na Venezuela.

Já assinalamos que o socialismo só pode ser construído como um processo baseado na mobilização e organização autônomas dos trabalhadores e do povo, para construir um novo sistema político-econômico-social a serviço de suas necessidades. Para se desenvolver, este processo deve lutar não só contra o imperialismo mas também contra as próprias burguesias nacionais associadas ou subordinadas a ele. A história já nos mostrou vários exemplos desse falso "socialismo burguês", como o peronismo argentino ou o nasserismo egípcio, que se limitaram a fazer algumas poucas reformas, mas não transformaram, e sequer se propunham ou poderiam fazê-lo, as bases econômicas capitalistas de seus países nem a raiz de classe do Estado.

Ao mesmo tempo, a manutenção das péssimas condições de vida dos trabalhadores venezuelanos, apesar dos grandes ingressos pelas exportações de petróleo, por um lado, e a repressão às lutas genuínas dos trabalhadores (como ocorreu com a Sanitarios Maracay, os petroleiros e os funcionários públicos) vão, pouco a pouco, derrubando a máscara desse suposto "Socialismo do Século XXI".

A EXPERIÊNCIA DA III INTERNACIONAL

Depois de Outubro, uma das principais tarefas assumidas pela direção de Lenin e Trotsky foi a construção de uma nova organização revolucionária internacional com peso de massas: a III Internacional.

Entusiasmados com a vitória da Revolução Russa e com as perspectivas que ela abria, milhões de trabalhadores e lutadores de todo o mundo acudiram ao chamado. Muitos deles abandonavam os podres partidos social-democratas; outros eram jovens que recém iniciavam sua luta.

Assim nasceram partidos comunistas em muitos países. Era preciso educar e formar essa imensa vanguarda revolucionária para que pudesse intervir e dar respostas aos processos nacionais. Por um lado, os documentos e resoluções votados em seus quatro primeiros congressos (1919-1922) são considerados como uma *"verdadeira escola de estratégia revolucionária"*. Por outro, estabeleceram-se as condições e critérios de funcionamento para que esses partidos fossem aceitos como seções da Internacional.

Foi a maior tentativa da história de construir uma organização revolucionária internacional com peso de massas. Lamentavelmente, o tempo foi escasso e as revoluções se produziam mais rapidamente que o tempo necessário para forjar plenamente essas ferramentas revolucionárias nacionais. É uma experiência da qual devemos extrair todas as conclusões e ensinamentos.

Posteriormente, a III Internacional também sofreu a burocratização stalinista até se transformar em pouco mais que um escritório da política exterior da burocracia soviética. Finalmente, foi dissolvida em 1943, por pedido expresso a do político imperialista britânico Winston Churchill a Stalin.

A NECESSIDADE DE RECONSTRUIR A IV INTERNACIONAL

Desde 1933, frente à desastrosa política stalinista na Alemanha que permitiu o triunfo do nazismo, Trotsky considerou que "a IIIª havia morrido como organização revolucionária" e iniciou a construção de uma nova organização. Essa iniciativa se concretizou em 1938, com a fundação da IV Internacional.

A IVª se construiu como uma continuidade da IIIª na defesa do programa marxista-leninista, da tradição de Outubro e da concepção de partidos revolucionários frente à destruição que realizava o stalinismo. Também agregou em seu programa a necessidade de uma revolução política dentro da URSS para derrubar a burocracia e que a classe operária recuperasse diretamente o poder.

No entanto, diferentemente da IIIª, a IV Internacional não nasceu com peso de massas. As difíceis condições existentes limitaram a IVª a reagrupar alguns milhares de militantes em todo o mundo para essa tarefa inicialmente defensiva. Ao mesmo tempo, tratava-se também de educar os quadros que dirigiriam a próxima onda revolucionária, inevitável após a nova guerra mundial que se aproximava.

A IV Internacional não pôde cumprir este segundo objetivo. A maioria da direção que ficou após o assassinato de Trotsky começou a abandonar os ensinamentos de Lenin e Trotsky e a capitular ao stalinismo, que recebia novos ares depois da derrota do nazismo e do surgimento de novos estados operários no mundo. As respostas equivocadas que essa direção deu a esses processos políticos revolucionários levaram à sua crise e à sua divisão em várias correntes, em 1953. Desde então, está colocada a tarefa essencial de reconstruí-la, como um embrião do partido revolucionário mundial.

Nessas décadas, através de suas distintas correntes, o trostkismo cresceu muito. Atualmente, dezenas de milhares de militantes, em todo o mundo, se reivindicam ou provêm dele, atuando nos processos de seus países. Ao mesmo tempo, propostas do trostkismo, como a realização de um encontro sindical latino-americano, formulada por Trotsky, em 1938, no México, começam a ser retomadas e concretizadas por organizações do continente, como a COB, a Conlutas do Brasil, Batay Ouvriye do Haiti e a Tendência Classista e Combativa do Uruguai.

Nesse ponto, é necessário mencionar o impacto que a queda do aparato stalinista da URSS teve sobre a esquerda e sobre as forças trotskistas em particular. Para a LIT-QI, esse fato, ainda que tenha provocado uma grande confusão na consciência de milhões de trabalhadores e lutadores, liberou forças imensas para os processos da revolução mundial, porque foi destruído o principal obstáculo que havia "deste lado" para que os trabalhadores chegassem à vitória em suas lutas revolucionárias. Por isso, consideramos que as condições para reconstruir a IVª e avançar rumo a uma direção revolucionária internacional com peso de massas, são hoje muito melhores que antes da queda do aparato stalinista central.

Pelo contrário, uma parte importante das correntes trotskistas chegou à conclusão oposta: afastava-se a possibilidade da revolução. Assim, naquilo que chamamos "vendaval oportunista", foram abandonando a tarefa de reconstruir a IVª e a defesa de seu programa revolucionário, seja de forma explícita ou através do conteúdo real de suas políticas.

Para a LIT-QI, as lutas revolucionárias que hoje percorrem o mundo voltam a pôr na ordem do dia a perspectiva e a necessidade da revolução socialista. Os processos vividos na América Latina (Equador, Argentina, Bolívia e Venezuela), o pântano em que está metido o imperialismo no Oriente Médio (encurralado por resistências cada vez mais fortes dos povos do Iraque, Afeganistão, Líbano, etc) são exemplos de que a luta de classes no mundo, longe de ter acabado (como previu, anos atrás, Francis Fukuyama), está cada vez mais presente.

Mas essas lutas heróicas, sem a perspectiva da revolução socialista nacional e mundial, estão condenadas ao fracasso ou a vitórias parciais que depois retrocederão. Por isso, os ensinamentos de Outubro mantêm toda sua vigência. Especialmente que a revolução socialista mundial precisa de uma organização revolucionária internacional e de partidos revolucionários nacionais para dirigí-la.

Ao recordar os 90 anos da Revolução de Outubro, queremos expressar aos trabalhadores e aos povos do mundo que a mais imprescindível de todas as tarefas é a reconstrução da IV Internacional e suas seções, os partidos revolucionários nacionais.

Com base nessa proposta central, a Liga Internacional dos Trabajadores - Quarta Internacional (LIT-QI) se compromete a colocar todas as suas forças a serviço dessa tarefa e conclama todos os revolucionários do mundo a aderirem a ela. Acreditamos que essa é a melhor homenagem que podemos prestar no aniversário de 90 anos da Revolução Russa.

VIVA A REVOLUÇÃO RUSSA!

VIVA A LUTA DOS TRABALHADORES E DOS POVOS DO MUNDO!

VIVA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA MUNDIAL!

PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL!

Atos homenageiam Revolução Russa por todo o país

Rio de Janeiro

ATO EM COMEMORAÇÃO LOTA AUDITÓRIO

***ANDRÉ FREIRE**, do Rio de Janeiro (RJ)*

Na noite fria de 13 de novembro, o **PSTU** promoveu o ato político sobre os "90 anos da Revolução Russa", com presença do historiador e militante do **PSTU** Valério Arcary.

Entre os mais de 200 militantes e ativistas presentes se destacavam os estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que recentemente ganharam o DCE da universidade. Também marcaram presença os profissionais de educação que acabaram de realizar uma intervenção vitoriosa no Congresso do SEPE/RJ (profissionais de educação), os negros e negras do Grupo de Trabalho da Conlutas, que realizaram seu vitorioso Encontro Nacional, além dos servidores públicos e os membros da Oposição Metalúrgica de Niterói.

Da mesa, saudaram o ato o companheiro André, representando o MTL (Movimento Terra, Trabalho e Liberdade), João Batista, o Babá, da Corrente Socialista dos Trabalhadores, ambos do PSOL e Cláudio Gurgel, professor da UFF e histórico militante socialista, cujo discurso lembrou a política de Lênin em vários momentos do processo revolucionário.

Pelo **PSTU** falaram Cyro Garcia, que lembrou a importância das "lições da Revolução de Outubro" para a atualidade da luta revolucionária. O companheiro Ricardo Tavares representou a direção nacional do partido e convidou todos os simpatizantes presentes a entrarem em nossas fileiras.

Por último, quando já havia enorme expectativa dos presentes, falou Arcary sobre a importância da teoria da Revolução Permanente de Trotsky, as políticas do partido bolchevique até a preparação da insurreição vitoriosa de outubro. Por fim, chamou a reconstrução da IV Internacional como uma tarefa atual para os revolucionários. Da platéia, os militantes responderam cantando " Olê, Olê, Olê, Olá, somos a morte do capital, somos trotskistas da IV Internacional".

Porto Alegre

DEBATE ABORDA REVOLUÇÃO RUSSA E CHAVISMO

***ALTEMIR COSER**, de Porto Alegre (RS)*

O debate contou com a presença de Valério Arcary e Roberto Robaina, presidente estadual do PSOL. O auditório do Instituto de Educação contava com mais de 200 pessoas, entre jovens, trabalhadores da educação, dos Correios, municipários, entre outros.

A principal polêmica foi sobre o tipo de atuação que a esquerda deve ter frente ao governo Chávez e ao chamado "socialismo do século 21". Robaina defendeu que é necessário escolher um lado na Venezuela: apoiar a reforma constitucional de Chávez, como expressão do processo revolucionário local, ou ficar junto ao imperialismo. Fez questão de caracterizar essa reforma como um avanço, apresentando aprovação da jornada de seis horas como exemplo.

Arcary afirmou que quando governos capitalistas fazem concessões transitórias e instáveis, o fazem para que a burguesia ganhe tempo e para que as massas abandonem a perspectiva de luta pelo poder. Ele aponta que há um terceiro campo na Venezuela, assim como no Brasil: o do proletariado - pois no capitalismo tudo é uma luta de classes.

Belo Horizonte

ATO REÚNE 200

***NAZARENO GODEIRO**, de Belo Horizonte (MG)*

Com a presença de cerca de 200 trabalhadores e jovens, aconteceu um combativo ato relembrando a Revolução Russa de 1917. A mesa foi composta por Gloria Trogo, dirigente do DCE da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Efraim Moura, que atua no movimento da mineração.

Representantes da Conlutas, do **PSTU**, do PSOL e da Consulta Popular fizeram uma saudação ao ato. Todos reivindicaram a importância de relembrar as lições da Revolução de Outubro hoje em dia, quando a maioria da esquerda mundial abandonou a perspectiva da revolução socialista e passou para o lado da burguesia.

Depois, fez uso da palavra o convidado da noite, Valério Arcary, que, durante mais de uma hora, explicou detalhadamente as principais lições da Revolução Russa: o proletariado como sujeito social da revolução, a necessidade da luta pelo poder, o partido leninista, o internacionalismo proletário (a impossibilidade do socialismo num só país) e a atualidade destas lições.

Após a palestra, foi aberta a palavra à platéia. Valério respondeu os questionamentos e concluiu o ato demonstrando confiança na vitória da revolução socialista e conclamou todos os presentes a engajaram-se na luta partidária para preparar tal revolução.

Niterói

DEBATE ABRE SEMINÁRIO SOBRE A REVOLUÇÃO

***RAFAEL ROSSI**, de Niterói (RJ)*

Na Universidade Federal Fluminense (UFF), o debate sobre "A Revolução Russa e o Século XXI", contou com uma mesa composta por João Ricardo, do Instituto José Luís e Rosa Sundermann, e Maurício Vieira, professor de Sociologia.

O professor defendeu a democracia operária , mas ressaltou: "a esquerda não deve tomar lições dos liberais sobre democratização". Ele ainda destacou experiência da Comuna de Paris, resgatando sua importância. João Ricardo resgatou a tese de Lênin em sua obra "O Imperialismo", em que ele afirmava que "o mundo é governado por um punhado de potências capitalistas". Por fim, ele encerrou: "Se o capitalismo é mundial, nenhum sistema que se proponha a ser superior a ele pode ser-lhe inferior nesse sentido. A transição do socialismo não é possível nos marcos nacionais. A revolução precisa, necessariamente, se estender à escala internacional". Novos debates vão ocorrer ao longo da semana, como parte do seminário promovido sobre a Revolução Russa.

Fortaleza

HOMENAGEM È REALIZADA EM MEIO À GREVE

***GIAMBATISTA BRITO**, de Fortaleza (CE)*

O Mais de 200 pessoas participaram de ato em homenagem aos 90 anos da Revolução Russa em Fortaleza. O ato ocorreu no dia 13 de novembro, no auditório central da Universidade Estadual do Ceará (UECE) que estava então em seu segundo dia de greve dos professores contra o descaso do governo de Cid Gomes (PSB), irmão do ex-ministro de Lula, Ciro Gomes.

Na mesa de abertura, representantes do Instituto do Movimento Operário (IMO), da Conlutas e do **PSTU** saudaram a atividade. No auditório, estudantes; professores; operários; ativistas das oposições sindicais dos Correios, Rodoviários, Bancários, professores de Marcanaú; dirigentes dos sindicatos da Construção Civil, Confecção Feminina e da Educação, compareceram para prestar homenagens à revolução que mudou o mundo.

O debate contou com a exposição do professor Fábio José, da Universidade Regional do Cariri (URCA) e dirigente do **PSTU**, e da professora Raquel Dias, do IMO. Os mais variados temas que circundam os 90 anos da Revolução surgiram tanto por parte dos debatedores, como dos que intervieram desde o auditório: o classismo, o internacionalismo, o stalinismo, a luta contra a opressão da mulher, o "socialismo do século 21".